



ENTREVISTA, uma história de sucesso em jornal-laboratório e o papel da universidade na crise do jornalismo impresso¹

Universidade Católica de Santos – UniSantos

Prof. Dr. Ouhydes João Augusto da Fonseca (coordenador)

Prod. Dr. José Reis Filho

Profa. Ms. Tereza Cristina Tesser

Prof. Ms. Marcelo Luciano Martins Di Renzo

Prof. Cláudio Lemos²

Resumo - A mesa apresentará um resumo histórico do jornal-laboratório impresso ENTREVISTA, elaborado por professores e alunos dos dois últimos semestres do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Santos, como um exemplo bem-sucedido de instrumento prático no ensino-aprendizagem do jornalismo. E, a partir daí, trabalhar sobre duas vertentes. A primeira é a operacionalização que permite a professores e alunos de turmas matinal e noturna produzirem um veículo quinzenal de 10 mil exemplares destinado à população da Baixada Santista em ambiente bastante próximo ao que se encontra nas redações dos jornais convencionais e que foi referência na categoria durante toda a década de 90 traduzida nas conquistas obtidas na Expocom. A segunda linha de trabalho destina-se a mostrar a reforma pela qual o ENTREVISTA passa no presente momento, numa tentativa de contribuir, enquanto veículo laboratorial, no enfrentamento da crise que atinge o jornalismo impresso neste início de século.

Palavras-chave: Jornalismo; Ensino de Jornalismo; Jornalismo impresso; Jornal-laboratório; Prática Jornalística

Proposta da Mesa - No Brasil, a luta pela implantação do ensino de Jornalismo, no começo do século passado, foi uma reivindicação da própria classe jornalística. Um dos idealizadores da proposta foi o jornalista Gustavo de Lacerda. Ao assumir a presidência da recém-fundada Associação Brasileira de Imprensa, em 7 de abril de 1918, reiterou, no seu discurso de posse, a necessidade de criação de um curso para a formação de jornalistas, como um dos objetivos da nova entidade. Gustavo de Lacerda entendia que a consciência ética e as técnicas jornalísticas deveriam e só poderiam ser aprendidas numa escola e lapidadas para o exercício profissional.

¹ Mesa apresentada no Multicom – II Colóquios Multitemáticos em Comunicação

² Professores de Jornalismo e pesquisadores de Comunicação da Universidade Católica de Santos, UniSantos. E-mail: dir.com-artes@unisantos.br



Somente em 1938, o presidente Getúlio Vargas promulga, pressionado pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o Decreto-Lei nº 910, que determinava a criação da escola preparatória para a formação de jornalistas. No entanto, apesar da determinação, coube à Fundação Cásper Líbero, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a criação do Curso de Jornalismo, em 16 de maio de 1947.

A disciplina de Projetos Experimentais, introduzida no currículo mínimo dos cursos brasileiros de Comunicação Social com as normas da Resolução do Conselho Federal de Educação (CFE) nº 003, de 12 de abril de 1978, significou uma tentativa de contornar a crise provocada pela imprensa nacional que, naquela época, questionava a qualidade dos cursos e sua competência para formar profissionais da área de Jornalismo. Essa crítica às diretrizes adotadas pelas escolas de Comunicação relacionava-se com a quase inexistência de práticas laboratoriais nas universidades.^{3[3]}

Assim, o CFE reconheceu a natureza teorizante dos cursos existentes e exigiu a implantação de laboratórios destinados a atividades experimentais. Pretendeu-se incentivar o exercício da prática jornalística nas instituições de ensino superior, atendendo às exigências do corpo discente, que reivindicava atividades práticas, em contraponto à origem dos cursos de Jornalismo nas faculdades de Filosofia, o que significava, para alguns, o absoluto predomínio do caráter humanístico no ensino de Comunicação.

A grande expectativa do estudante de Jornalismo, ao entrar na faculdade, é a prática. Ao pensar na futura profissão, ele quer atuar no rádio, na televisão, ou em outros momentos em jornalismo digital ou assessorias de imprensa, mas...Produzir um jornal é, e sempre será, o grande desafio.

Os alunos chegam com a garra e a determinação de mudarem o mundo e acreditam que somente eles conseguirão esse objetivo. O sonho e a força da juventude gritam mais alto.

Porém, as aulas começam e a teoria, que oferece respaldo à técnica, precisa ser apreendida. As questões éticas são discutidas e a postura do profissional começa a ser conhecida. A inquietação toma conta dos futuros jornalistas.

^{3[3]} JORNAL DA ABI. *Edição comemorativa dos 90 anos de fundação da entidade*. Ano 4, nº 4, 1998.



O grande dilema das escolas de comunicação é elaborar um projeto acadêmico que contemple a teoria e a prática. Que não frustrate os jovens, mas ao mesmo tempo em que ofereça responsabilidade num texto bem elaborado e apurado.

Ressaltando a importância dos laboratórios José Marques de Melo afirma:

“Formar jornalistas, sem que lhes desperte o interesse pela análise crítica dos padrões vigentes na sociedade e sem que lhes ofereça oportunidade de testar tais modelos em laboratórios e de criar alternativas inovadoras, é motivo de frustração generalizada na área desde a década de 50.”^{4[4]}

No entanto, apesar da inquestionável importância dos órgãos laboratoriais, é preciso ficar atentos à transformação do ensino em algo extremamente tecnicista, o que o próprio Marques de Melo considera um equívoco no processo de aprendizagem prática. Os veículos-laboratoriais devem ser utilizados para uma verdadeira articulação teórico-prática. Ao se fazer jornalismo, nesses laboratórios, aplicamos um conjunto de aptidões que a formação universitária deve desenvolver, principalmente o espírito crítico e a capacidade criativa e inovadora.

O Projeto Político Pedagógico(PPP)^{5[5]} da habilitação em Jornalismo, do Curso de Comunicação da UniSantos, destaca, em sua apresentação, a antiguidade do curso de Jornalismo, o primeiro do gênero implantado no Litoral de São Paulo. E define as suas diretrizes norteadoras e os objetivos a serem alcançados:

O curso de Jornalismo da Facos reconhece o exercício da profissão, como uma atividade de natureza social, e de finalidade pública, como preconiza o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Também defende o direito à apuração verdadeira dos fatos e sua correta divulgação. O corpo docente é formado por pessoas de valor científico e profissional reconhecido, de vida idônea e de respeito aos princípios da doutrina da Igreja Católica.

Os paradigmas que norteiam a formação dos discentes são: lutar pela liberdade de pensamento e expressão, defender o livre exercício do

^{4[4]} MARQUES DE MELO, José. *Laboratórios de Jornalismo: conceitos e preconceitos*. In: Cadernos de Jornalismo e Editoração. Nº 14, SP. Departamento de Jornalismo e Editoração, ECA/USP, 1984.

^{5[5]} Em 2002, para atender ao recadastramento da IES junto aos órgãos federais de Educação, a Reitoria determinou a elaboração e/ou atualização dos Projetos Políticos Pedagógicos. A então Faculdade de Comunicação social não dispunha desse documento. Para cada habilitação, então, foi constituída uma Comissão de Formulação sendo a de Jornalismo formada por :Prof. Marcelo L. M. Di Renzo,(na época, Chefe do Departamento de Jornalismo), Profa. Ms. Tereza Cristina Tesser e Prof. Ms. Paulo Roberto Börnsen Vibian.



jornalismo, dignificar, honrar e valorizar a profissão, opor-se ao arbítrio, à opressão e ao autoritarismo, bem como defender a Declaração Universal dos Direitos do Homem, combater e denunciar as formas de corrupção e respeitar a privacidade do cidadão.

Para que essa formação se concretize, há uma profunda compreensão do campo da Comunicação. E são dois os caminhos trilhados: o de uma formação genérica, humanista e universitária, cruzada com uma formação específica, técnica e particularista. A proposta curricular tem como objetivo de estabelecer uma atualização do perfil do curso de Jornalismo e de seus formandos, em função das mudanças de mercado, dos avanços tecnológicos e das expectativas sociais. Proporciona ao egresso a aprendizagem de competências e habilidades profissionais, sociais e intelectuais em questão de criação, produção, distribuição, recepção e análise crítica referentes às mídias, às práticas profissionais e sociais relacionadas com estas e as suas inserções políticas, econômicas e culturais de âmbito regional, estadual e nacional, coerentes com a evolução da profissão decorrente das modernas relações de trabalho e do avanço tecnológico.

O curso de Jornalismo está bem organizado de modo a permitir a formação de um profissional conforme descrito. Seu corpo docente é composto por 30 professores, sendo 21 dedicados ao núcleo específico. Destes, 15 possuem titulação, seis estão em qualificação e sete tem especialização. Suas instalações gerais e específicas às disciplinas de conteúdo técnico-profissional são adequadas. No prédio onde o curso está instalado, no campus Pompéia, além de uma biblioteca central, funcionam uma biblioteca setorial, uma hemeroteca e uma videoteca.

Como o estágio em Jornalismo é proibido por lei, em organismos externos, os veículos laboratoriais garantem a prática necessária. Ou seja, ao exigir que o curso de jornalismo publicasse pelo menos oito edições anuais de órgão-laboratorial impresso, pretenderam os educadores do MEC garantir uma situação de estágio real para os discentes e, ao mesmo tempo, cobrar uma qualidade mínima dos responsáveis pelos cursos, já que a produção é, por si só, reveladora.

Os alunos dos 4º ano realizam Projetos Experimentais, num total de 960 horas, correspondendo ao Trabalho de Conclusão de Curso. A grade curricular que passou a vigorar este ano, valendo apenas para os alunos da série inicial, volta a contemplar os Trabalhos de Conclusão de Curso, que no caso de Jornalismo, dividem-se em monografia e grande reportagem. Para os demais estudantes, o TCC de Jornalismo corresponde às disciplinas de Projetos Experimentais.

Os projetos impressos mantidos pelo curso de Jornalismo – Agência Facos, Mural e Jornal Entrevista – circulam na comunidade, em maior ou menor escala. O jornal-laboratório sempre teve uma tiragem acima do total de alunos, permitindo uma



distribuição externa. No momento, dentro de uma concepção voltada ao público exterior aos campi, tem uma tiragem de 10 mil exemplares e distribuição gratuita em bancas de jornais, organizada por empresa especializada. O Mural é afixado, pelos estudantes, em empresas (bares, lanchonetes, restaurantes, associações de bairro, etc) localizadas na região enfocada (Morros, Zona Noroeste, Centro, por exemplo). O Agência é restrito aos estudantes, mas sempre sai dos muros da instituição.

A realidade é apresentada e o estudante entra em contato imediato com os problemas da profissão. O Jornalismo heróico defendido na dramaturgia passa a ser real. A integração de teoria e prática deve convergir para o desempenho profissional.

Cabe ressaltar que o aluno-repórter encontra algumas barreiras para conseguir as informações, pois ele não tem ainda o traquejo exigido pela profissão e nem o respaldo de uma grande empresa jornalística.

Histórico – O jornal ENTREVISTA nasceu em abril de 1970 com linha editorial voltada para a temática da Baixada Santista, região em que o curso de Jornalismo está inserido. Começou em formato duplo ofício, mensal, oito páginas, tiragem de 300 exemplares, impresso em off-set. Na fase inicial, valia como estágio aos alunos, devido às dificuldades enfrentadas para estagiar os jornais locais: “Tribuna” e “Cidade de Santos”. Mais tarde, com o fim do estágio, passou a ser um veículo de treinamento aos futuros profissionais.

Dois anos depois, o jornal passou por reforma de formato, virando tablóide, com oito páginas, tiragem de mil exemplares e um novo logotipo. Além das edições normais – oito por ano – o ENTREVISTA também publicou uma edição especial sobre o Sesquicentenário da Independência. Em 1975, o jornal parte para uma experiência comunitária, sendo elaborado, durante todo o primeiro semestre, no bairro do Gonzaga, com apoio da associação de lojistas locais, que cede suas dependências para funcionarem como redação.

Em 1976, o ENTREVISTA ganhou o prêmio de melhor jornal laboratório do Brasil, promovido pela Parker Pen do Brasil, com uma edição especial sobre política, na qual abordou as eleições para a renovação da Câmara Municipal de Santos. Em 1981, nova experiência de jornalismo comunitário, com um encarte dedicado à população do Morro Jabaquara, em Santos. As matérias foram pautadas a partir de reuniões com os moradores do morro.



Em 1987, o jornal passou para o formato standard, com 10 páginas e tiragem de dois mil exemplares, periodicidade mensal. Em 1992, ganha cores nas primeira e última páginas, é composto pelos alunos em computadores. Além disso, são os próprios alunos que revisam e fazem o past-up do jornal.

Os estudantes participam efetivamente de todo o processo de elaboração do jornal. Há um cronograma, da pauta à distribuição, para que o aluno conheça todas as datas para entrega de matéria: copidescagem, edição, diagramação e fechamento. Existe total liberdade na escolha dos assuntos e não há interferência do corpo docente e nem da direção da Escola ou da Universidade. Estes dois últimos, só tomam conhecimento do conteúdo, após o jornal sair da gráfica, impresso.

A parte didática é trabalhada com reforço nas técnicas de reportagem: orientação na captação de dados e na redação da reportagem; no treinamento de redação de reportagem interpretativa, opinativa: comentário e editorial. Além da orientação na edição: título, legendas, abertura, importância da matéria na edição, ordem de importância das matérias na edição, escolha de fotos e coordenação da diagramação; e, também, avaliação mensal do produto final.

O grande número de alunos, manhã e noite, motivou uma outra mudança no jornal e criou um desafio: editar um jornal com duas equipes de reportagem, sem descaracterizá-lo. Mas a equipe responsável soube como superar tal situação ao criar momentos em que os alunos da manhã e da noite se encontravam.

Em 1996, o ENTREVISTA passou a ter dois cadernos, com 16 páginas, sendo quatro em cores e tiragem de cinco mil exemplares. Nesse mesmo ano, o jornal inovou e passou a contar com a presença de um Ombudsman. Em 2001, mais uma transformação acontece. O Jornal passa a ter 20 páginas, com dois cadernos de oito páginas e um caderno especial temático. E tiragem de 10 mil exemplares.

Os alunos-repórteres são do 4º ano letivo e todos participam obrigatoriamente com texto e, no sistema de rodízio da Diagramação e Fotografia. Para produzir o jornal, eles trabalham em grupos fixos nas editorias Contexto (página 2), Política, Economia, Trabalho, Educação, Saúde, Meio Ambiente, Cultura, Esporte, Personagem, Comunicação, Comportamento, Variedades, Campus/Ensino e Geral. A cada mês, os grupos se revezam, trabalhando em uma editoria diferente, contando com a orientação de um outro professor. Trabalhavam, e ainda trabalham no Entrevista seis docentes: três na área de texto, dois para Diagramação e Projeto Gráfico e um de Fotografia.



Outra preocupação do corpo docente é a integração com a família do aluno. Desde o ano 2000, o lançamento oficial do primeiro jornal do ano é realizado em um evento que visa integrar professores, alunos e familiares. A Universidade oferece uma recepção aos pais, irmãos e amigos dos repórteres. Nesse momento é apresentado todo o processo de feitura do jornal e apresentada a equipe de redação. O jornal ENTREVISTA está em seu 37º ano de existência e nunca deixou de ser publicado.

A elaboração do jornal-laboratório Entrevista mescla experimentação editorial, visual e gráfica com acompanhamento de processos tradicionais do Jornalismo Impresso. Na sala de aula-redação procura-se reproduzir a realidade do dia-a-dia de uma publicação impressa mensal. A avaliação individual registrada em fichas leva em conta: presença às aulas, interesse e participação, texto, capacidade de edição, domínio das técnicas de Diagramação e Fotojornalismo.

No momento a publicação passa pela maior e mais profunda reforma, desde sua criação. Não apenas por necessidade metodológicas ou pedagógicas, mas para fazer novas experiências no sentido de dar uma contribuição ao enfrentamento da crise do Jornalismo Impresso em nível mundial.

Para tanto, a equipe de professores desenvolveu um projeto, discutido e aprovado também pelos alunos, modificando o jornal sob todos os aspectos. Resumidamente, tais alterações são as seguintes:

- 1) Modificação do formato para o modelo berliner, entre o tablóide e o Standard, afetando igualmente o tamanho do Caderno Especial encartado;
- 2) Periodicidade quinzenal, no lugar de mensal;
- 3) Distribuição também de forma direta ao público em quinze pontos da cidade de Santos, para que a circulação se faça o mais rápido possível;
- 4) Modernização do projeto gráfico para tornar a leitura mais fácil e mais agradável;
- 5) Valorização das fotos de primeira página;
- 6) Editorialmente, mudança nas editorias, distribuição mais equânime dos gêneros (informativo, interpretativo e opinativo) e, por sugestão dos alunos, abertura de maiores espaços para a



opinião em colunas, comentários, crítica (cinema, tevê, esporte etc).

Conclusão - Como todos os órgãos laboratoriais do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Santos, na área de impresso, o ENTREVISTA prepara o aluno para o mercado de trabalho, aliando a técnica jornalística com uma visão crítica acerca dos processos de produção, bem como de conteúdos.

O corpo docente é formado por professores com experiência e vivência no mercado, o que possibilita a aproximação da realidade profissional. Dentro do modelo ensino-aprendizagem, o papel do professor nos órgãos laboratoriais da Facos, concretiza-se como um facilitador da aprendizagem de seus alunos e não um obstáculo. Criar condições para que o aluno adquira informações, organizar estratégias para que ele conheça os modelos existentes e possa até mesmo estabelecer novos conceitos.

Uma característica diferenciada nos veículos é que todos os professores foram ex-alunos da Facos e participaram como estudantes desses jornais. Esse fato faz com que a equipe (alunos/professores) “vista a camisa do time” e se envolva totalmente com os projetos. Uma prova desse engajamento é a invejável marca do jornal Entrevista, que circula há 37 anos ininterruptamente. A relação professor e aluno é muito próxima e todos trabalham para o sucesso e aprimoramento do jornal.

O objetivo dos órgãos laboratoriais, portanto, não é apenas uma educação voltada para a aquisição de conhecimentos e, menos ainda, conhecimentos fragmentados. Mas, uma educação capaz de construir o processo de tornar-se cidadão; isto é, um processo voltado à formação de sujeitos sociais participantes do exercício e usufruto do trabalho, da geração e uso dos conhecimentos.

Anexos –



Referências bibliográficas

JORNAL DA ABI. *Edição comemorativa dos 90 anos de fundação da entidade*. Ano 4, nº 4, 1998.

MARQUES DE MELO, José. *Laboratórios de Jornalismo: conceitos e preconceitos*. In: *Cadernos de Jornalismo e Editoração*. Nº 14, SP. Departamento de Jornalismo e Editoração, ECA/USP, 1984.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo, Editora Contexto, 2002.